



EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: ABORDAGEM NECESSÁRIA

Edmárcio Peixoto de Souza (1); Ivaldo Eliziário dos Santos (2); Jamille Oliveira de Melo (3); Sara Talita Cordeiro Vilela (4); Glória Maria Duarte Cavalcanti (5)

1 Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE-UAG);

edpeixoto@outlook.com

2 Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE-UAG)

ivaldo.dm@hotmail.com

3 Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE-UAG)

mille.oliveiramelo@hotmail.com

4 Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE-UAG)

talita123vilela@hotmail.com

5 Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE-UAG)

gloriacavalcanti@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A Educação Sexual aos poucos vem ganhando espaço e sendo reconhecida como importante no processo formativo dos alunos. Todavia, os profissionais da educação em grande maioria estão despreparados para vivenciarem a temática em suas turmas. Nesse cenário pontuamos que grandes são os retrocessos que estamos nos deparando diariamente em relação à abordagem dessa temática em sala de aula.

A sociedade está num cenário de naturalização de hierarquias. “A classificação racial e a classificação sexual são as mais salientes manifestações desta lógica” (SANTOS, 2002, p. 247). São esses os reflexos de uma sociedade machista e patriarcal, que ao longo do tempo inibe, proíbe e obriga grande parte dos cidadãos a serem submissos frente a relações de poder desiguais.

A incitação ao ódio fica cada vez mais frequente na mídia, as mulheres são tidas como meros objetos sexuais, o modelo heterossexual trucidada os que fogem a esse padrão/ orientação sexual (gays, lésbicas, transexuais, travestis). Nos cursos de Licenciaturas, não há uma preparação significativa nem adequada para que os professores abordem questões de sexualidade no espaço escolar, de tal forma, que ocasionam um sentimento de despreparo e incapacidade por parte desses profissionais.

Além disso, estamos inseridos numa sociedade muito repressora em relação à sexualidade. Figueiró (2009) afirma que, a sociedade atribui à sexualidade uma associação imediata com ideias de pecado, de feio e de proibido, como também, ideias de promiscuidade e de imoralidade. Desse modo, a bagagem cultural acaba formando em nossas cabeças uma gama de tabus, preconceitos e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sentimentos em relação ao sexo e a sexualidade, o que dificulta ainda mais, falarmos sobre esses assuntos abertamente tanto na escola quanto no ambiente familiar.

Contudo, esta pesquisa pautou-se em discutir sobre a importância de se trabalhar com assuntos relativos à sexualidade, enfatizando a concepção de professoras do 5º ano do Ensino Fundamental. É a partir dessa etapa de escolarização que as crianças estão entrando na fase da puberdade, necessitando de discussões mais esclarecedoras em relação às noções fisiológicas, mas também em relação aos valores, tabus e equívocos geralmente perpetuados como corretos.

Iremos ao longo deste trabalho apresentar o desenvolvimento parcial da pesquisa de TCC: Educação Sexual em debate: saberes da prática docente no 5º ano, realizada numa escola pública do município de Jucati- PE, com professoras do 5º ano. A pesquisa será apresentada no segundo semestre de 2016, na Universidade Federal Rural de Pernambuco- Unidade Acadêmica de Garanhuns, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho foi realizada uma pesquisa etnográfica numa escola municipal de Jucati - PE. Segundo Severino (2013) o objetivo dessa pesquisa é compreender o fenômeno em estudo através dos processos do dia-a-dia, tentando descrever e refletir os fenômenos através da cultura pela qual os sujeitos estão inseridos. Nesse sentido, a coleta dos dados se restringiu através da entrevista semiestruturada, levando em consideração todo o contexto cultural pelo qual os agentes da pesquisa estão envolvidos.

A abordagem foi a qualitativa, pois o ambiente natural é considerado a fonte direta de instrumentos de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto, de tal forma, que os dados coletados são predominantemente descritivos, visando compreender o “significado” que as pessoas dão as coisas (BOGDAN e BIKLEN, 1982 *apud* LUDKE e ANDRÉ, 2012).

Utilizamos como instrumento de coleta de dados, uma entrevista semiestruturada com as professoras do 5ª ano da referida escola. Ludke (2012) diz que, a entrevista possui um caráter de interação, havendo uma proximidade entre quem pergunta e quem responde. Permite a capacitação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.

A coleta dos dados ocorreu em dois dias seguindo a disponibilidade das professoras. Nos dias 04/05/2016 e 05/05/2016 respectivamente, sendo realizada a entrevista com as docentes do 5º ano, que visou compreender o que as mesmas entendem e conhecem sobre a temática na sala de aula. Vale ser salientado que os resultados obtidos através da entrevista realizada com as docentes, se constituem na primeira etapa para a obtenção dos resultados do Trabalho de Conclusão de Curso do autor principal deste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo foram construídos através de uma entrevista semiestruturada com as docentes que lecionam em turmas do 5º ano de uma escola municipal de Jucati - PE. As docentes são licenciadas em Pedagogia e possuem uma trajetória longa em sala de aula, variando entre 16 a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

23 anos de experiência. As participantes da pesquisa serão nomeadas como professora A, professora B e professora C, visando assim, preservar a identidade das mesmas.

Ao iniciar a entrevista ficou nítido que as professoras ficaram surpresas e em vários momentos tímidas, quando souberam que iriam responder à perguntas relacionadas a Educação Sexual. Essa postura das professoras é muito comum, pois elas estão inseridas numa sociedade que atribui à sexualidade uma associação imediata com ideias de pecado, de feio e de proibido, como também, ideias de promiscuidade e de imoralidade (Figueiró, 2009).

O entendimento das professoras sobre a Educação Sexual priorizou uma abordagem única e exclusiva do corpo humano, em que todas as respostas giraram em torno das seguintes falas: “*É o trabalho focado sobre a formação do corpo do ser humano e suas reproduções, levando ao conhecimento prévio do que é a educação sexual*” (Professora B); “*Pra mim é muito difícil trabalhar, eu só falo mais sobre o corpo, a puberdade*” (Professora C). Foucault (1993) diz que é bastante comum reduzirmos o sexo a sua função reprodutiva. Em nenhum momento as docentes ressaltaram princípios antirracistas, antissexistas e anti-homofóbicos.

Não há uma preocupação com a formação humanística dos alunos, por meio do desenvolvimento de valores e atitudes que giram em torno de cidadãos respeitos e conscientes de sua sexualidade e a do próximo, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo, pois se relaciona com nossas crenças, ideologias, e imaginações (WEEKS, 1996).

Em relação ao trabalho pedagógico das docentes para abordar assuntos de sexualidade na sala de aula, tanto a professora B quanto a professora C possuem uma perspectiva de ensino técnico e superficial que abrange apenas conceitos fisiológicos. “*Só trabalho com as noções: homem mudando a voz...Trabalho só com o livro didático mesmo*” (Professora C). Seguindo o pensamento de Freire (2011) e Figueiró (2009), tal prática deve ser rompida, pois é necessário relacionar a sexualidade como um meio para a formação moral dos sujeitos e não somente uma vivência de conteúdos acadêmicos, ou seja, o trabalho com a sexualidade deve envolver discussões sobre valores, modos de pensar e de agir, responsabilidade, respeito, entre outros.

Observamos que a professora A diverge um pouco das outras docentes, no que concerne a prática pedagógica, preocupando-se um pouco com a diversificação de instrumentos de ensino, no entanto se prende também a questões biológicas. “*O trabalho acontece por meio de explicação do conteúdo, questionamentos a partir de imagens, questões do dia-a-dia, utilização do livro didático, projetos desenvolvidos na sala de aula, em que já teve a participação da enfermeira*” (Professora A). Na fala dela fica claro que ela dispõe de vários instrumentos metodológicos, dinamizando as aulas e fazendo uma interação entre outras áreas, isso é bastante positivo, tendo em vista que devemos romper a ideia de um ensino tecnicista de acordo com Freire (2011).

Outro aspecto bastante enfatizado na fala das professoras refere-se a interferência dos pais quando as mesmas abordam assuntos de sexualidade na sala de aula. “*A única dificuldade que a gente tem é sobre a conscientização dos pais, pois num dia a gente trabalha um conteúdo e os pais no outro dia vêm reclamar, principalmente, se o filho chegar em casa e contar*” (Professora B). A professora C também disse que: “*Tem que ter um cuidado na fala, já que eles podem chegar em casa contando o que aconteceu na aula e os pais não gostarem [...]*”.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Essa dificuldade apresentada pelas docentes deve ser vista como um desafio constante, pois segundo Reis (2014) é necessário saber quem são esses familiares, que concepções têm sobre sexualidade e gênero, quais são seus valores, crenças no que diz respeito a esses assuntos, para depois iniciar um trabalho com os alunos. Devemos ficar atentos para que a escola não reproduza o que Louro (2000) considera como uma pedagogia da sexualidade, muitas vezes implícita, reproduzindo certos valores que a sociedade define como correto.

Todas as professoras se sentem sujeitadas as decisões dos pais, pois sempre que tratam sobre assuntos de sexualidade há uma repressão muito grande na escola, fazendo com que elas evitem tratar desses temas. “Em face de um poder, que é lei, o sujeito que é constituído como sujeito, — que é “sujeitado” — é aquele que obedece” (FOUCAULT, 1993, p.82). Sendo assim, os pais/família são considerados uma esfera de poder que envolve uma dominação referente ao trabalho pedagógico das docentes.

As formações continuadas são vistas nesse contexto como primordiais, por possibilitarem o esclarecimento de dúvidas e um maior embasamento teórico. O interesse por tal formação foi exposto na seguinte fala: “*Se fosse trabalhado esses assuntos com a gente era bem melhor de passar*” (professora C). A Professora A ressaltou que as vezes não sabe como abordar assuntos devido a linguagem dos alunos, é nesse sentido que Figueiró (2009) e Freire (2011) possuem pensamentos semelhantes no sentido do professor ser um agente reflexivo, necessitando estar numa constante (re)educação em sexualidade.

Quando foi perguntado se as docentes já vivenciaram alguma situação que envolvesse a sexualidade das crianças em sala de aula, tanto a professora A quanto a B responderam que sim, no entanto, a professora C disse que nunca passou por tal situação: “*Até agora não, por que esses assuntos são raros. Até agora nunca aconteceu nada demais. Nunca manifestaram nada em sala de aula (...)*” (Professora C). Nesse sentido, a fala da professora C vai de encontro com o que Foucault (1993) diz, pois mesmo sem intencionalidade a docente reprime tais manifestações, em que

(...) a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber (p. 10).

As professoras ficaram inquietas quando foi perguntado como as mesmas reagiriam perante uma situação em que uma criança expõe para os colegas de turma que possui duas mães (casal homoafetivo), valendo destacar que a temática trabalhada no momento era “Constituição da família”. As respostas das docentes foram bem enfáticas, principalmente da professora B: “*Eu abordava, conscientizando todos os alunos que uma família ela não só é gerada entre um pai ou uma mãe [...] Uma família é constituída através de uma boa convivência, com princípios e morais, [...] sendo o essencial, o princípio e a moral, mas qual a moral nesse caso?*”. A professora C respondeu: “*Não sei ao certo, o povo ainda não está habituado com isso, do jeito que o mundo tá*”.

Na fala da professora B em relação a família, fica claro que casais homoafetivos para a docente não possuem um dos requisitos essenciais: a moral. Já a professora C, trata esse fato com certo distanciamento e estranhamento. No entanto, Figueiró (2009) diz que o professor não deve



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

influenciar os alunos a pensarem de acordo com suas ideologias e valores, mas sim, criar possibilidades para que eles mesmos possam criar suas conclusões a partir do que foi apresentado. São pensamentos como esses das docentes que contribuem para a formação de cidadãos preconceituosos e intolerantes desde a infância.

A professora A, se mostrou com um pensamento diferente das outras docentes, onde a mesma fala que: *“Eu falaria pra os alunos que hoje existe várias famílias, que são formadas por pessoas do mesmo sexo e que mesmo assim não deixam de amar seus filhos. E explicaria qual foi a forma que as mães tiveram a criança, expondo se foi inseminação artificial ou adoção”* (Professora A). A docente se mostrou bastante neutra no sentido de tratar a temática sem atribuir julgamentos a partir dos seus valores, trouxe a discussão dos vários tipos de família, juntamente com conceitos científicos e sociais, como a inseminação artificial e adoção respectivamente.

A docente foi de acordo com Reis (2014) no sentido de desenvolver atividades que possibilitam aprender e valorizar a diversidade dos corpos e os modos de ser relacionados ao gênero, sempre partindo da neutralidade. O professor tem a função de apresentar ao aluno, informações claras, objetivas e corretas, nunca arraigada de valores e crenças.

CONCLUSÕES

Em síntese percebemos com o desenvolvimento deste trabalho, que assuntos sobre sexualidade e gênero, são na maioria das vezes tratados como um assunto desconfortável, que traz a tona muitas dúvidas e incertezas para alunos e professores. Vale salientar o empenho de alguns desses profissionais para abordar tais assuntos, visto que a interferência da família é muito presente como uma forma de repressão sob o trabalho pedagógico.

São meras situações como as mostradas anteriormente, que nos revelam o quanto os padrões relativos ao gênero e a sexualidade estão presentes na sociedade e se refletem diretamente na escola, perpetuando-se ao longo da história. A “sociedade” por meio de várias práticas estabelece um modelo de homem e mulher a ser seguido, sendo a escola o principal meio para a propagação de pedagogias implícitas quem visam atender aos interesses dessa sociedade.

Um dos principais meios para a capacitação do corpo docente, sem dúvida alguma são as formações continuadas, pois como sabemos na graduação esses assuntos são deixados de lado. Não devemos atribuir valores e julgamentos sobre a postura das professoras, as mesmas são apenas reflexo de uma sociedade repressora e discriminatória em relação à sexualidade e ao gênero.

Esperamos que debates sobre sexualidade sejam com mais frequência vivenciados no ambiente escolar, rompendo com a ideia de que a sexualidade só deve ser abordada em sala de aula pelo viés da parte fisiológica do ser. Devemos ter em mente que a abordagem dessa temática, proporciona além do conhecimento e respeito do próprio corpo, atitudes que contribuem para um convívio social harmonioso e igualitário.

REFERÊNCIAS

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. *In: Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum*. Londrina: UEL, p. 141-172, 2009.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade**, v. 1: A vontade de saber. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 29ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **O corpo educado**: Pedagogias da Sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte, 2000.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. *In: Pesquisa em educação*: Abordagens Qualitativas. São Paulo: E.P.U., 2012.

REIS, Cristina d'Ávila. **Sexualidade e gênero**. Presença pedagógica. Belo Horizonte: Editora Dimensão, Vol.20, n.118, Jul./Ago., 2014.

RIBEIRO, Marcos. **Guia para professores**: Mamãe como eu nasci? Menino brinca de boneca? Rio de Janeiro: Salamandra, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. Revista crítica de ciências sociais, n. 63, p. 237-280, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Teoria e prática científica. *In: Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez Editora, 23ªed., 8ª imp. 2013.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, p. 35-82, 2000.